

RUBENS RIANI: Interesses muito mesquinhos, e foi feito, não só a luta do papai, mas a luta de todos que depois se seguiram, vários vieram até a falecer. Papai só não morreu porque ele era uma pessoa muito mais tarimbada, eles tentaram de tudo! Papai... Eles não poderiam fuzilar o papai, né. Papai era uma figura internacional. Então, assim, eles tentaram de tudo para ver se ele dava aquele negocinho “ah, ele tentou fugir”, “ah, foi pego no fogo cruzado”, algum acidente, né. Então papai nunca teve isso. E sempre, assim, eu acho que pela própria figura, ele acabava congregando algum, minimamente, um respeito até dos presos, né. Ele me conta que na visita que eu fiz a ele na Ilha Grande, ele estava tomando conta do posto de gasolina, e aí ele tentou melhorar lá a produtividade, fazer uma planilha de controle melhor, e tal, não sei o quê e tralalala, aí um mecânico lá veio avisar pra ele, falar: “não faz isso, não, porque na hora que você está fazendo isso, o outro ali que está fazendo isso na mão, leva um tempão” não sei o quê, tralalala, “não vai gostar, por quê? Ao levar muito tempo, ele fica muito tempo fora da cela, se fizer muito rápido ele vai ser, vai voltar pra cela rápido, então ele vai ficar com raiva de você e vai acabar, né”. Por coincidência, essa pessoa que estava tomando conta lá, eu era pequeno ainda, aí fiquei conversando muito com ele, e vocês já devem ter visto, eu gosto de falar, né, e vários assuntos da vida dele e tal, era um dos maiores assassinos que tinha no país. E aí ele foi falar para o meu pai que ele, assim, nunca ninguém tinha sentado com ele e ouvido sobre a vida dele, porque ele fez isso da vida dele, onde que ele chegou, a estar na Ilha Grande, era prisão perpétua e tal, então, assim, toda aquela coisa, ninguém nunca tinha escutado e tal, não sei o quê e tal, que a partir de então ele ia ser o defensor do papai. Então são situações bem interessantes da, que a gente nem sabia, eu pelo menos não sabia, nem papai sabia. Então assim, acho que isso que a gente tem que lutar para que isso não volte ao país, né, acho que a gente tem que lutar para que a gente avance cada vez mais, que a justiça social se faça presente no nosso país, que ainda não chegou. Que a liberdade nunca seja ameaçada, nunca seja diminuída, que nenhuma família, nenhum filho familiar passe pela situação que a gente passou, né. Não é, nós nunca nos envergonhamos, mas sempre nos entristecemos na hora que as pessoas se recusavam a cruzar conosco no mesmo passeio, né. Parece que você é um leproso, parece que você... A gente se sentia as vezes naquela situação dos Estados Unidos, dos negros e brancos, né, toda aquela questão racial e tal, a gente se sentia assim, quer dizer, mas... Acho que é isso, acho que avançamos e em cima dessas situações todas acho que hoje o país está melhor. Acho que a gente consegue sorrir um pouco mais, né, isso é bom! Mais uma vez obrigado a vocês pela oportunidade, pelo carinho, por estarem aí conosco, né.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Bom, queria só fazer um encerramento, agradecemos muito em nome da COVEMG, posso dizer em nome de todos os membros da COVEMG, a sua disponibilidade a prestar esse depoimento tão rico em detalhes, tão cheio de novas referências para a gente em relação à experiência da sua família, em relação principalmente do seu pai contra a Ditadura Militar no Brasil. Também gostaria de fazer o encerramento então da oitiva do Rubem Smith Riani. Eu queria só fazer uma ressalva, porque eu não falei o horário, ela começou às 9h20min da manhã, no dia 18 do 04 de 2017, e estamos encerrando às 11h05min do mesmo dia, aqui na Fumec, com a presença da Mariane e da Janaína, que são membros da COVEMG, tá bom? Obrigada.

RUBENS RIANI: Ok, obrigado.